

MULHERES DO AGRO

Roberto Rodrigues*

Celebramos no dia 8 de março passado o Dia Internacional da Mulher.

O mundo todo reverenciou quem realmente "manda" na nossa vida cotidiana. E muito justo e merecido é reconhecer o importante trabalho da mulher no agronegócio brasileiro.

Começo com um registro histórico: nos anos 60 do século passado, tempo em que estudei agronomia na minha gloriosa "Luis de Queiroz", em Piracicaba, as meninas representavam entre 5 e 10 por cento dos alunos dos Cursos de Ciências Agrárias. Atualmente, a participação delas está próxima de 50%, uma impressionante mudança numérica, mas também qualitativa: elas arrebataam a maioria dos prêmios oferecidos aos melhores estudantes de cada Turma.

É evidente que isso determina uma presença feminina relevante em todas as atividades profissionais ligadas ao agro.

E isso vale já na política. No Senado brasileiro, por exemplo, estão duas importantes figuras reconhecidas nacionalmente: a grande senadora gaúcha Ana Amélia Lemos, uma impressionante defensora da classe rural e a senadora tocaninense Katia Abreu que foi presidente da CNA e Ministra da Agricultura. Na Câmara dos Deputados brilha a deputada federal Tereza Cristina, do Mato Grosso do Sul, que já foi secretária de agricultura de seu estado.

São Paulo mesmo já contou com a engenheira agrônoma Mônica Bergamaschi no comando da Secretaria da Agricultura.

Mas as mulheres têm se destacado em muitos outros campos no agro. No movimento cooperativista nacional cresce a participação feminina, o que ficou evidente no grande Congresso de Mulheres do Agronegócio realizado em outubro passado em São Paulo, ao qual acorreram 800 representantes do antigo "sexo frágil": cerca de 40 agricultoras ligadas à cooperativa Comigo, de Rio Verde-GO, deram testemunho de seu compromisso com o setor. Pudera. O SESCOOP de Goiás é comandado com grande eficiência por uma cooperativista de escol, Valeria Mendes.

Tenho participado de reuniões de Comitês Femininos no Paraná e no Rio Grande do Sul, exemplos para todo o país. E em Mato Grosso do Sul, a OCB tem a profícua condução institucional de Dalva Caramalac.

Aliás, deve ser sempre lembrada a formidável trajetória acadêmica da saudosa Diva Benevides Pinho, grande autora de livros que marcaram a base doutrinária do movimento cooperativo brasileiro.

Na academia há ainda uma relação de mulheres cuja contribuição ao agro foi fundamental. Basta lembrar Ana Maria Primavesi, Johanna Döbereiner e Victória Rossetti para comprovar isso. Mais modernamente estão mulheres maravilhosas: a agrônoma Cecilia Fagan Costa comanda o Centro de Agronegócios da Escola de Economia de São Paulo da FGV, e recentemente foi diretora da UNESP/Jaboticabal a zootecnista Maria Cristina Thomaz e vice-diretora da ESALQ a agrônoma Marisa D'arce.

Já na representatividade institucional cresce o protagonismo feminino, com duas presidentes de entidades: Elisabeth Carvalhaes, líder do IBÁ e Elizabete Farina, presidente da UNICA. Adriana Brondani se destaca na área de ambiental, como diretora executiva do CIB. E a diretora executiva da ABIEC é a jovem e promissora Liège Vergili Nogueira. Na TNC estão as craques Ana Paula Chagas e Adriana Kfourri.

E há o impressionante avanço feminino nas empresas, com destaque para Priscila Vansetti, presidente da Dupont.

Por fim, vale registrar o novel NFA - Núcleo Feminino do Agronegócio, hoje presidido pela fazendeira Carmen Peres, e que conta com um poderoso grupo de produtoras rurais que tocam suas fazendas.

É claro que ainda falta citar muitas outras mulheres, mas nessa matéria falta espaço para isso, infelizmente.

Salve a mulher brasileira e sua contribuição ao nosso agronegócio!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**